

Análise

100 DIAS
DE FOGO CRUZADO
EM BELEM,
DO PARÁ



SUMÁRIO

03 **Participação popular e tecnologia:** Novos caminhos para pensar um Pará mais seguro

05 **Dados Gerais**

07 **A dinâmica da violência armada em Belém e região metropolitana**

10 **O perfil das vítimas**

12 **A distribuição da violência na região metropolitana de Belém**

14 **A urgência dos dados sobre a Amazônia**
*Juliana Damasceno de Miranda**

16 **Sobre o Fogo Cruzado**

PARTICIPAÇÃO POPULAR E TECNOLOGIA:

novos caminhos para pensar um Pará mais seguro

Há muito tempo que a preocupação com a violência é rotina nas diferentes regiões do Brasil. Ficamos sabendo sobre eventos violentos na televisão, na internet e nas conversas cotidianas. Com a recorrência de crimes violentos, muitos deles envolvendo armas de fogo, surge o questionamento sobre as medidas adotadas pelas autoridades para enfrentar essa realidade. Mas será que compreendemos totalmente a dimensão da violência que nos cerca? É possível identificar quais os efeitos das atuais políticas de segurança nas dinâmicas criminais? Sabemos quais ações podem ser implementadas e quais são eficazes para mudar esse cenário e diminuir o número de vítimas?

Para responder todas as perguntas acima – e avançar no sentido de reduzir o impacto da violência armada –, o primeiro passo é ter dados que ajudem a compreender o problema. **A produção e a disseminação de informações abrangentes e precisas sobre a violência armada são fundamentais para desenvolver estratégias eficazes de redução desse fenômeno preocupante. Aprofundar nossa compreensão sobre os padrões, causas e impactos dessa violência permite uma análise mais embasada e direcionada das políticas públicas necessárias para combatê-la.** Além disso, dados confiáveis fornecem subsídios para a avaliação da eficácia das intervenções em andamento e identificação de lacunas a serem preenchidas.

Nesse sentido, a iniciativa do Instituto Fogo Cruzado assume um papel crucial. Com atuação no Rio de Janeiro desde 2016 e, mais recentemente, no Pará, desde novembro de 2023, o projeto é centrado na proposta da geração cidadã de dados: que busca transformar conhecimento popular em dados acessíveis a todos, que possam auxiliar na transformação dessa realidade.

A escolha do Pará como um novo campo de atuação foi baseada em uma dupla percepção. Por um lado, estudos indicam um aumento preocupante da violência nos estados do Norte e do Nordeste do país, sobretudo relacionado aos mercados ilegais de venda de drogas e à associação entre esses mercados e diversas atividades ligadas ao extrativismo ilegal na região, assim como as respostas do Estado a esses problemas, pautadas, no geral, pelo modelo de Guerra às Drogas. Por outro, destaca-se a carência de informações sobre essa realidade, incluindo a compreensão do papel das políticas de segurança pública na dinâmica da violência.

Atualmente, o Fogo está monitorando a violência armada nas oito cidades da região metropolitana da capital: **Belém, Ananindeua, Benevides, Castanhal, Marituba, Santa Bárbara do Pará, Santa Izabel e Barcarena.** Esta última passou recentemente a ser considerada parte da região metropolitana e compõe um contexto importante no cenário da região, devido ao seu complexo portuário.

Estar no Pará traz desafios, uma vez que apesar de termos escolhido municípios no entorno da capital, nem todos possuem mais de 100 mil habitantes. Estes municípios, mesmo sendo urbanos, também têm áreas rurais e especificidades para implementação de políticas de segurança adequadas. Para além das discussões sobre o impacto do tráfico de drogas e das políticas de confronto dentro dos grandes centros urbanos — já contidas nas demais regiões metropolitanas de atuação do Fogo Cruzado (Rio de Janeiro, Recife e Salvador) —, **o Pará permitirá entender como estes problemas se relacionam com o ataque à floresta em pé, seus defensores e as disputas territoriais contra populações que deveriam estar sendo protegidas.**

Nosso trabalho está apenas no início, mas os 100 primeiros dias de atuação já trazem sinais importantes de alerta para os gestores da segurança. **Assim como ocorre na Bahia e no Rio de Janeiro, a violência armada envolvendo a ação das polícias se destacada significativamente na região metropolitana de Belém, aparecendo em 42% dos casos.** Esse resultado traz consigo a reflexão de até que ponto as estratégias utilizadas para resolver um problema são de fato eficazes ou passam, elas mesmas, a reforçar e perpetuar o problema em si.

Uma segunda constatação importante a partir dos dados iniciais do Fogo Cruzado diz respeito à assertividade da violência. Assim como ocorre em Pernambuco, **os tiros no Pará parecem ser certos: em 83% dos casos registrados houve pessoas baleadas.** Muitos dos casos ainda trazem elementos de

dinâmicas típicas de execução, sejam elas relacionadas a regulação violenta de mercados ilegais de drogas, ou a dinâmicas extra-oficiais de imposição de ordem a territórios periféricos, típicas de grupos de extermínio. Nesse sentido, chama atenção a recorrência de casos de ataques armados sobre rodas. **Foi registrado um caso a cada 5 dias, superando a média dos demais estados onde o Fogo Cruzado atua.**

Entender dinâmicas como essas e o que motiva os tiroteios é o que permitirá planejar ações que levem a uma realidade diferente. O acesso à informação é crucial para desenvolver estratégias de redução da violência armada, um dos principais desafios enfrentados pelo Brasil há décadas. O Fogo Cruzado está empenhado em contribuir com ações efetivas nesse âmbito, concentrando seus esforços em Belém e na região metropolitana. Nos primeiros 100 dias de atuação no Pará, ainda dando os primeiros passos, o projeto já está contribuindo para a construção de um amplo banco de dados abertos, pautado pela transparência e colaboração, essencial para a promoção de um futuro mais seguro para todos.

Cecília Olliveira
Diretora executiva

Eryck Batalha
Coordenador regional

Dandara Rudsan
Articuladora e porta voz

¹ São classificados como ‘ataques armados sobre rodas’, segundo a metodologia do Instituto Fogo Cruzado, casos em que tripulantes de veículos motorizados (como carros e motocicletas) passam atirando na direção de um estabelecimento ou grupo de pessoas, sem descer do veículo.

DADOS GERAIS

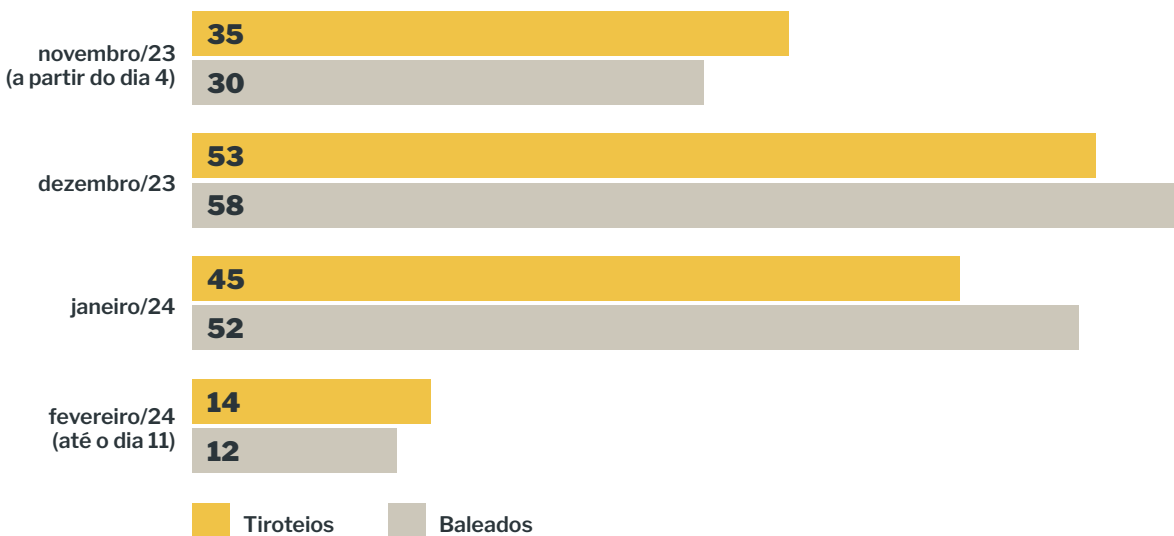
Em 4 de novembro de 2023, o Instituto Fogo Cruzado começou a monitorar a violência armada em Belém e sua região metropolitana. Ainda há muito a ser aprendido sobre a violência local, mas passados 100 dias algumas características já começam a se destacar e atestam a importância de iniciativas para a produção cidadã de dados no Pará.

Ao todo foram registrados 147 casos de violência armada que resultaram em 152 baleados. Os disparos de arma de fogo na região metropolitana de Belém – assim como ocorre em Pernambuco – são mais certos do que em outras capitais brasileiras: 83% dos casos registrados resultaram em baleados e, em 14% dos casos, mais de uma pessoa foi alvejada.

Dados Gerais



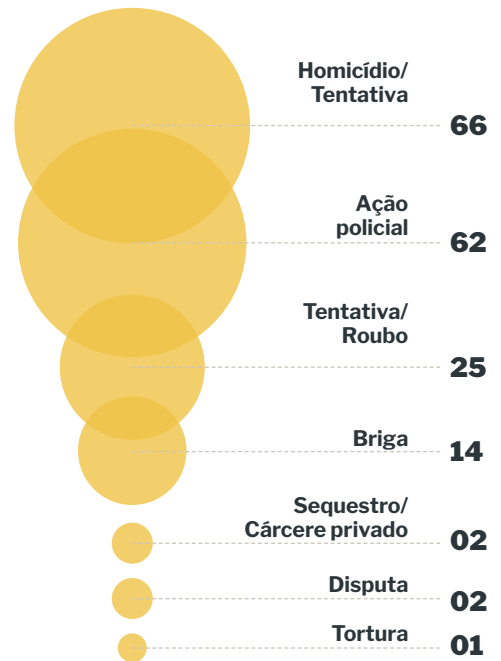
Evolução temporal de tiroteios e baleados





Nos primeiros 100 dias de atuação do Fogo Cruzado na região metropolitana de Belém, duas dinâmicas se destacaram como os principais motivos de tiroteios: homicídios e tentativas (45%) e ações policiais (42%). A violência patrimonial aparece na terceira colocação, em 17% dos casos.

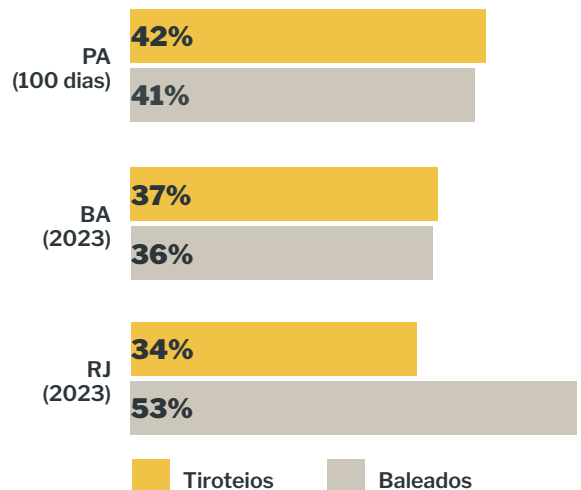
Ranking de causas dos tiroteios/disparos



A DINÂMICA DA VIOLÊNCIA ARMADA em Belém e região metropolitana

Ao todo, o Fogo Cruzado identificou 62 ações policiais que resultaram em tiros na região metropolitana de Belém. Igualmente, 62 pessoas foram baleadas nessas circunstâncias (representando 41% do total de baleados). Destas 62 pessoas, 50 foram mortas, o que representa oito vítimas fatais em cada 10 baleados. Essa dinâmica aproxima o Pará de realidades como as do Rio de Janeiro e da Bahia, onde a ação das polícias também aparece como um dos motores da violência armada, resultando, igualmente, em um grande número de vítimas.

Violência armada em ações policiais Comparativo PA, BA e RJ



Nesse breve período, a região metropolitana de Belém registrou ainda episódios de violência extrema, que trazem insegurança pelas consequências difíceis de prever.



Ao todo foram registrados 21 ataques armados sobre rodas — quando pessoas em veículos motorizados, como carros e motocicletas, passam atirando em pessoas paradas em algum local. Esses casos resultaram em 18 mortos e 8 feridos. Esta é uma dinâmica típica de disputas entre grupos criminosos e da atuação de grupos de extermínio. São ações que visam promover justamente o medo, atestando o poder de um grupo contra o outro.

Nelson Maicá Meller Junior, de 53 anos, foi baleado em dezembro por homens que estavam em uma motocicleta em Ananindeua, no bairro Águas Lindas. Ele buscava a filha na escola e foi vítima do tiro assim que a criança entrou no carro.

A dinâmica de ataques armados sobre rodas preocupa pela alta letalidade, pelo sentimento de insegurança que promove e pela ousadia. É importante notar que, em pouco mais de três meses, a região metropolitana de Belém registrou mais da metade dos casos registrados no Grande Rio e quase a metade dos registrados na região metropolitana de Salvador, em todo o ano de 2023 — ambas regiões marcadas por disputas violentas por território entre grupos armados e pela atuação de grupos de extermínio.

Chacinas e perseguições completam a lista de episódios de violência registrados nos primeiros 100 dias na região metropolitana de Belém. Trágicas por si só, essas situações possuem um agravante: grande parte ocorreu em ações policiais.

A primeira chacina registrada ocorreu no dia 7 de janeiro no bairro de Águas Lindas, em Ananindeua. Durante a ação policial, três pessoas morreram. Um dos mortos teria envolvimento com a tentativa de assalto que deixou um policial militar ferido no dia anterior, no centro de Belém do Pará.

A segunda chacina ocorreu no dia 11 do mesmo mês, sob circunstâncias parecidas. Após a morte do policial Rafael dos Santos Meireles, foram feitas operações policiais na Região Metropolitana de Belém. Dois homens morreram no bairro da Terra Firme e um foi morto no Murinim, ambas as ocorrências relacionadas com o atentado ao agente.

Das 11 ocorrências de perseguição, oito aconteceram em ações policiais, apontando para um modelo de uso da força que pode colocar em risco transeuntes e provocar pânico para a população.

Identificamos ainda uma tendência perturbadora relacionada aos locais onde foram identificados disparos de armas de fogo: 12% do total das ocorrências registradas nos primeiros cem dias aconteceram em residências. Das 21 pessoas baleadas nestas circunstâncias, 9 foram alvejadas durante ações policiais. Os dados mostram ser urgente refletir sobre como as políticas de segurança podem ser parte do problema que estão destinadas a resolver e qual é o papel das instituições neste cenário.



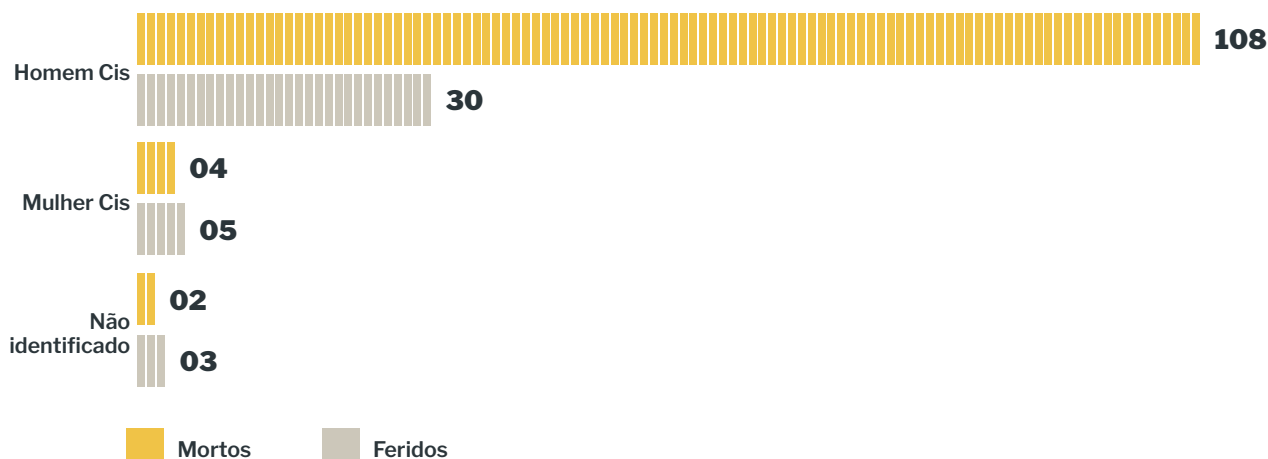


O PERFIL DAS VÍTIMAS

Durante os primeiros meses de monitoramento da região metropolitana de Belém, o Fogo Cruzado identificou padrões que permitem definir um perfil de vítimas que se destaca dos demais. Esse perfil não destoa daqueles já observados nacional e localmente nos anos anteriores, por outras organizações. É um indício de que a violência armada na região acompanha tendências gerais ao

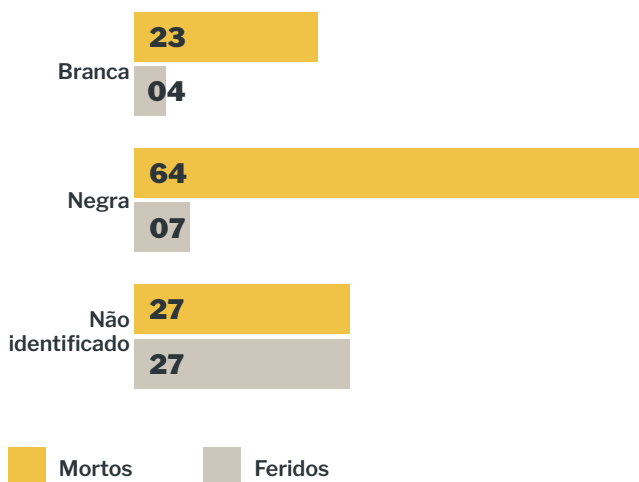
se concentrar em grupos específicos da população.

Homens cis representam cerca de 91% das vítimas registradas no período, enquanto mulheres cis são 6% e 3% não tiveram o gênero identificado. Dentre eles a letalidade também é maior: do total de mortos, 95% são Homens cis.



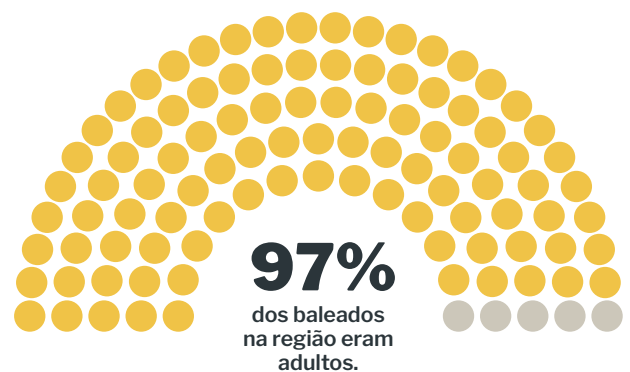
Dentre os alvos de armas de fogo, as pessoas negras representam o grupo mais atingido — 47% das vítimas. Pessoas brancas representam a menor quantidade de vítimas de arma de fogo na região, com 18% do total de baleados no período. Quando o fenômeno observado são pessoas mortas, a disparidade é ainda maior. A população negra correspondeu por 56% das pessoas mortas a tiros — quase três pessoas negras assassinadas a cada pessoa branca.

Mas aqui, é importante fazer uma ressalva. **Em 36% dos casos não se pode identificar a cor das vítimas de violência armada. Este ainda é um tabu a ser**



trabalhado em todo o Brasil. Não podemos nos limitar mais a saber apenas o gênero e a idade das vítimas. A cor é também um elemento importante para propor políticas de prevenção dos homicídios.

Mas aqui, é importante fazer uma ressalva. **Em 36% dos casos não se pode identificar a cor das vítimas de violência armada. Este ainda é um tabu a ser trabalhado em todo o Brasil. Não podemos nos limitar mais a saber apenas o gênero e a idade das vítimas.** A cor é também um elemento importante para propor políticas de prevenção dos homicídios.



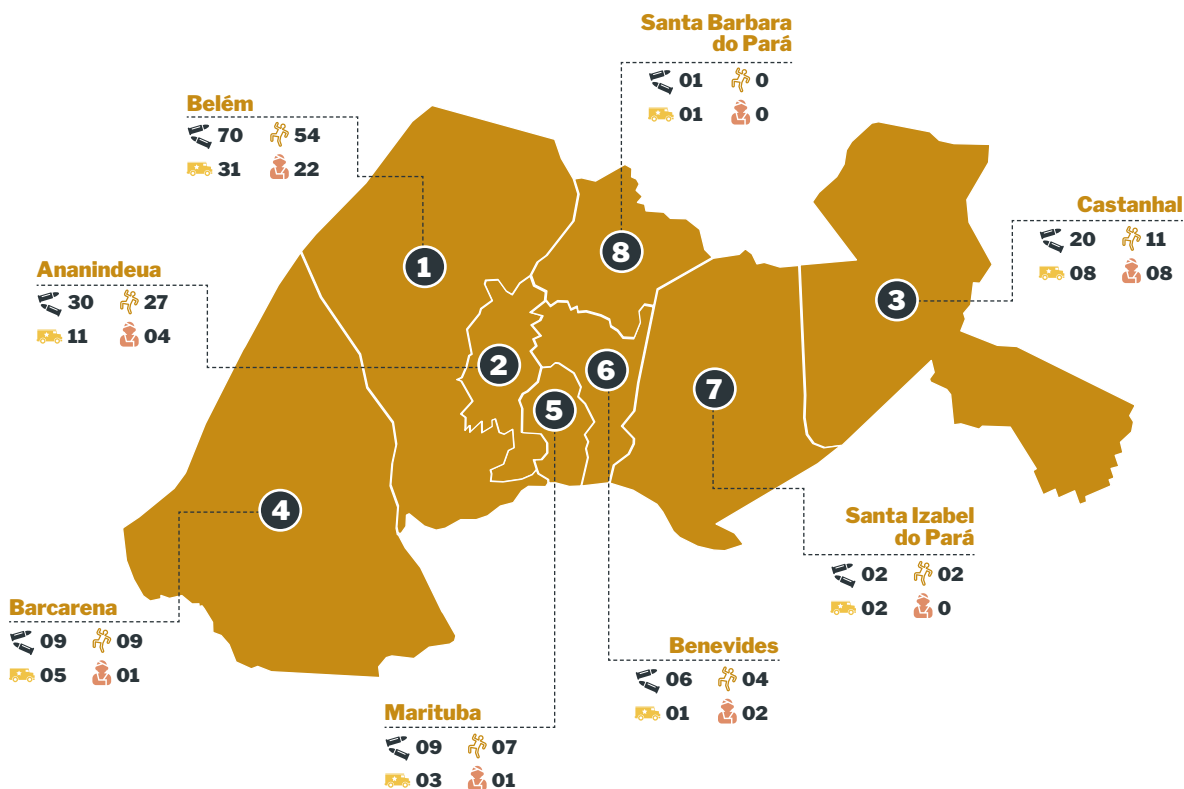


A DISTRIBUIÇÃO DA VIOLÊNCIA

na região metropolitana de Belém

Seguindo tendência semelhante à registrada em outras regiões metropolitanas de atuação do Instituto Fogo Cruzado, Belém concentrou a maioria dos episódios de violência armada (48% dos casos e 50% dos baleados). Ananindeua e Castanhal vieram em seguida com,

respectivamente, 30 e 20 casos. Chamam atenção ainda Barcarena — que registrou mais vítimas do que casos — e Santa Izabel do Pará — que registrou apenas dois casos de violência armada, mas todos em ações policiais.



Legenda:

- Tiroteios/Disparos
- Ação/Operação Policial
- Mortos
- Feridos

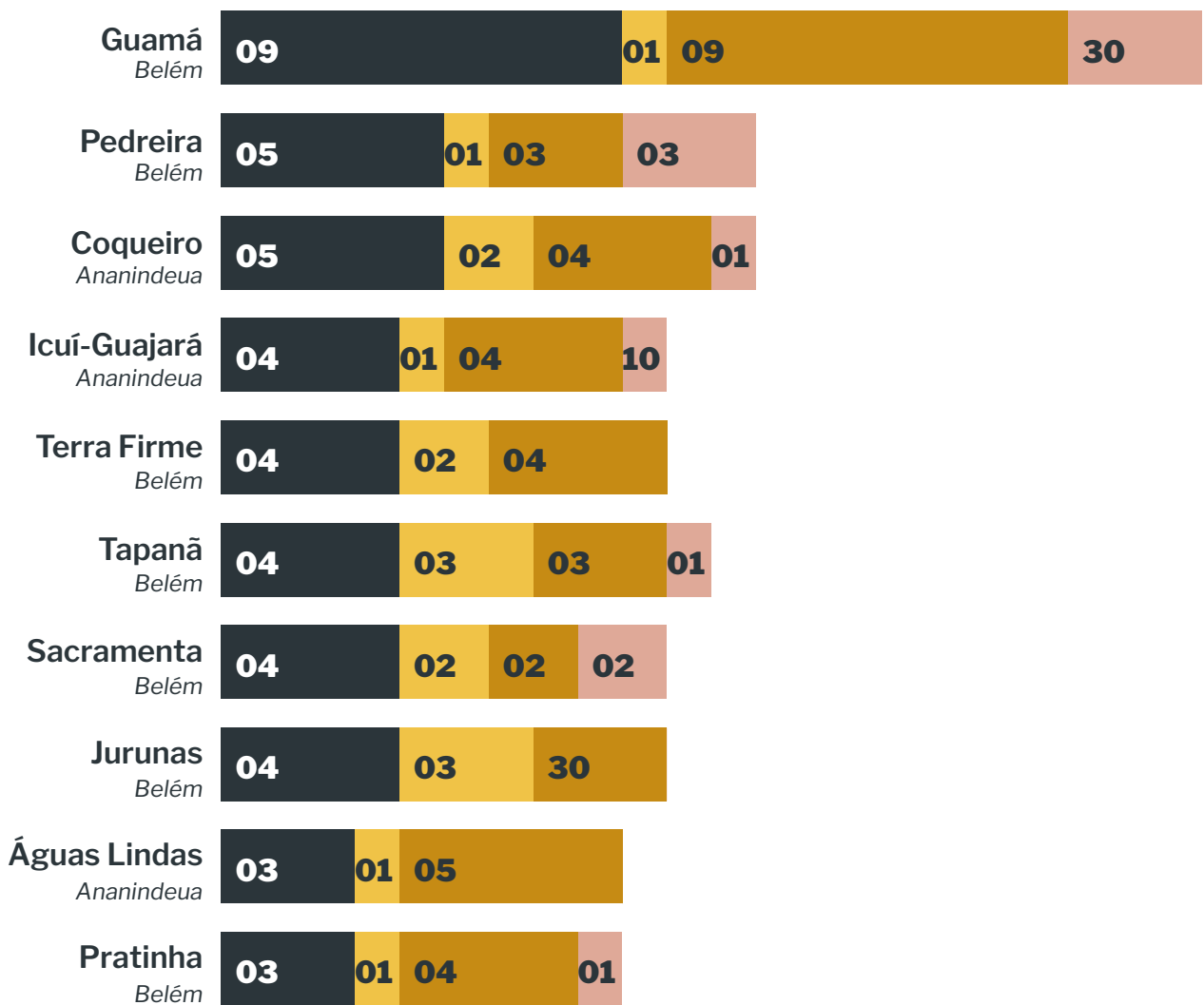
Somando as oito cidades que compõem a região metropolitana de Belém, 82 bairros registraram tiroteios nos 100 primeiros dias de atuação do Instituto Fogo Cruzado - destes, 62% registraram ao menos uma ação policial que resultou em disparos de arma de fogo.

O grande número de bairros afetados pela violência armada é, claro, algo que preocupa a população e que deve ser

tratado pelas autoridades por indicar uma grande dispersão da violência.

Mas é importante ressaltar que, por outro lado, não pudemos notar, nesses primeiros meses de atuação, nenhum padrão de concentração da violência. O bairro do Guamá, na capital paraense, foi o líder de episódios de violência armada, representando 6% dos registros identificados.

Bairros mais afetados pela violência armada na região metropolitana de Belém





A URGÊNCIA DOS DADOS SOBRE A AMAZÔNIA

*Juliana Damasceno de Miranda**

O Pará tem enfrentado diversos problemas provenientes da invisibilidade das demandas da população negra. Comumente, vemos em jornais as manchetes noticiando assassinatos, crimes e violências no geral. Mas para de fato conseguirmos construir uma solução efetiva para o problema da violência urbana é preciso pensar nas causas e naqueles que são diretamente atingidos.

A violência armada na Amazônia, apesar de ser um problema grave, sofre com a falta de dados precisos. Essa carência impede a formulação de políticas públicas eficazes. Enquanto as pesquisas sobre segurança pública se concentram em regiões como o Sudeste, a violência no Norte do país cresce de forma alarmante, sem a devida atenção e investimento em soluções.

É urgente que o Estado brasileiro assuma a responsabilidade de produzir e disponibilizar dados precisos sobre a violência na Amazônia. É preciso dar visibilidade às vítimas e suas histórias para que a luta por uma sociedade mais justa e segura possa avançar. Achille Mbembe, filósofo camaronês, cunhou o termo necropolítica para descrever o poder do Estado em decidir aqueles que devem viver ou morrer.

A necropolítica opera por meio de diversos mecanismos, inclusive a violência armada, que é utilizada como ferramenta para controlar e eliminar populações consideradas indesejáveis ou descartáveis. No contexto do Pará, a violência armada se configura como um problema grave e multifacetado, com raízes na desigualdade social, no racismo estrutural e na omissão do Estado.

O trabalho do Instituto Fogo Cruzado fornece dados precisos e atualizados sobre a violência armada no Pará, permitindo uma análise crítica da realidade e a construção de políticas públicas mais eficientes. Através do monitoramento, é possível identificar os territórios mais violentos, as armas mais utilizadas e os perfis das vítimas, informações essenciais para a implementação de ações de prevenção e combate à violência.

Os dados coletados pelo Instituto Fogo Cruzado nos 100 primeiros dias de atuação revelam um cenário preocupante da violência armada no Pará. Entre os principais motivos dos tiroteios, os homicídios e tentativas de homicídio (45%) e as ações policiais (42%) se destacam, evidenciando a letalidade da violência que permeia o estado. A violência armada configura-se como um problema

social grave, com impactos desproporcionais sobre a população negra. Dados do Instituto Fogo Cruzado revelam que 44% dos tiroteios estão relacionados a homicídios e tentativas de homicídio, evidenciando a lógica de extermínio que opera contra grupos marginalizados. Destaca-se também que 42% dos tiroteios registrados neste período decorreram de ações policiais.

Diante dessa realidade cruel, o movimento negro se ergue como um farol de resistência e luta por justiça. Através

“ A MORTE RONDAVA OS BECOS, AS VIELAS, OS CANTOS ESCUROS. A MORTE ERA A BALA PERDIDA QUE ATINGIA O CORPO DE UM JOVEM NEGRO, ERA A FACADA NO PEITO DE UM MENINO FRANZINO, ERA O AFOGAMENTO DE UM ADOLESCENTE NO RIO SUJO DA CIDADE.

Ponciá Vicêncio,
Conceição Evaristo



de mobilizações, protestos e ações de conscientização, o movimento denuncia a violência e a necropolítica, dando voz às periferias e cobrando do Estado medidas eficazes para o combate à violência e a valorização da vida. Através da exigência de justiça e responsabilização, o movimento busca a punição dos responsáveis por crimes e a reparação dos danos causados às vítimas e seus familiares. Além disso, propõe alternativas à violência, como a implementação de políticas públicas de prevenção social, investimento em educação, saúde e cultura e a reforma estrutural da segurança pública.

A coleta e análise de dados sobre a violência armada contra a população negra são ferramentas essenciais para o combate à necropolítica e à construção de políticas públicas. O mapeamento das vítimas, dos autores, dos locais e das motivações dos crimes permite identificar os padrões de violência e as causas estruturais que a sustentam.

Com base em dados precisos, é possível formular políticas públicas direcionadas para a prevenção da violência, a proteção das vítimas e a punição dos crimes. Ações de educação, saúde, cultura e segurança pública podem ser direcionadas para os grupos mais vulneráveis, com foco na promoção da igualdade racial e no respeito à vida.

Investir na coleta e análise de dados sobre a violência armada contra a população negra é um investimento na construção de um futuro mais justo e igualitário. É um compromisso com a vida e com a dignidade humana.

* Juliana Damasceno de Miranda faz parte do Coletivo Sapato Preto e escreveu a convite do Instituto Fogo Cruzado.

SOBRE O FOGO CRUZADO

O Fogo Cruzado é um Instituto que usa tecnologia para produzir e divulgar dados abertos e colaborativos sobre violência armada, fortalecendo a democracia através da transformação social e da preservação da vida.

Com uma metodologia própria e inovadora, produzimos mais de 50 indicadores inéditos sobre violência nas regiões metropolitanas do Rio, do Recife de Salvador e de Belém.

Através de um aplicativo de celular, o Fogo Cruzado recebe e disponibiliza informações sobre tiroteios, checadas em tempo real, que formam o maior banco de dados aberto sobre violência armada da América Latina. Essas informações podem ser acessadas gratuitamente pela API do Instituto ou dos relatórios que produzimos mensalmente.

FICHA TÉCNICA

Cecília Olliveira
Diretora executiva

Maria Isabel Couto
Diretora de dados e transparência

Marianna Araujo
Diretora de comunicação e inovação

GESTÃO
Davi Arloy
Coordenador de gestão

Letícia Wolowski
Assistente de gestão

COMUNICAÇÃO

Diogo Santos
Coordenador de comunicação

Yuri Eiras
Redator

Juliana Aguiar
Analista de redes

Gabrielli Thomaz
Catarina Barbosa
Assessoras de imprensa

Lory Costa
Designer

DADOS E PESQUISA

Terine Coelho
Coordenadora de pesquisa

Iris Rosa
Assistente de pesquisa

Rafael Coletto
Assistente de dados

Davi Santos
Analista de TI

EQUIPE PA

Eryck Batalha
Coordenador regional

Dandara Rudsan
Articuladora e porta Voz

Raquel Freitas
Leandro Sarrazin
Thayana Campos
Analistas de dados



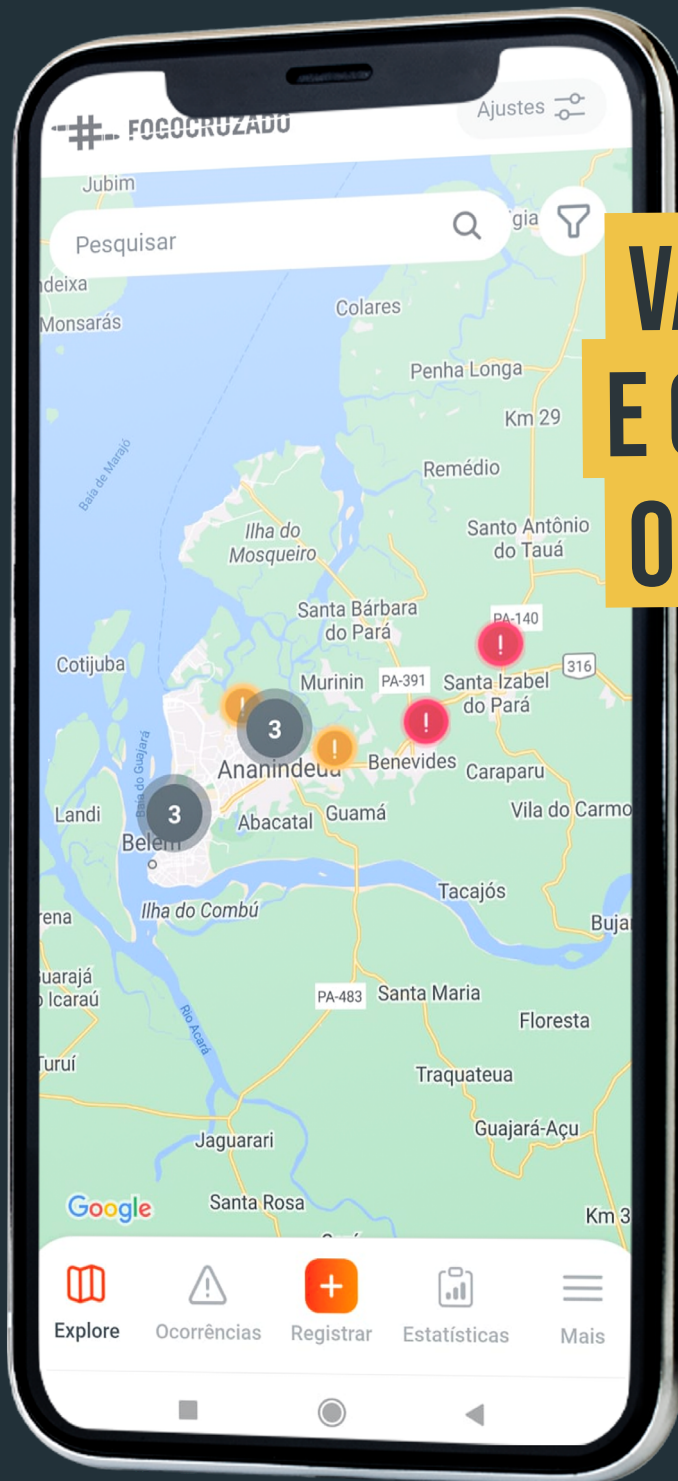
@fogocruzadoBR



@fogocruzado



@fogocruzadoPARA



VAI SAIR DE CASA E QUER SABER ONDE TEM TIRO?


O Fogo Cruzado te conta

Baixe o app



 @fogocruzadobr

  @fogocruzado

 @fogocruzadoPARA